



**DISCURSO E MEMÓRIA: ANÁLISE DA CATEGORIA ESCOLA NO MODELO
EDUCACIONAL HEBRAICO COMO FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO
ADVENTISTA**

Tiago da Costa Barros Macedo¹
Edvania Gomes da Silva²

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar, com base no conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux (1999), fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso, os efeitos de memória presentes no estudo da categoria escola com base no artigo “Educação hebraica: fundamentos da educação adventista”, de David Mesquita da Costa, mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Este artigo faz parte do livro “Manual do Educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem”, o qual surgiu a partir de um projeto desenvolvido pelo Núcleo de Integração Fé e Ensino (NIFE) da referida instituição acadêmica.

O livro no qual o artigo foi coletado: i) apresenta-se como uma ferramenta pedagógica importante para reflexão, estudo e orientação para a prática dos princípios de integração fé e ensino/aprendizagem; ii) adota uma cosmovisão bíblica; iii) busca reforçar a identidade da educação adventista; e iv) expõe instruções teóricas e práticas para educadores adventistas do ensino básico e superior (QUADROS, 2015).

No artigo, observamos que Costa (2015), ao falar inicialmente dos ajustes que devem ser feitos em um determinado modelo educacional, explica a necessidade de se recorrer às origens deste modelo ao invés de trilhar por um futuro desconhecido. Ainda segundo o referido texto, para que a educação tenha um futuro consistente, é necessário que ela se volte para um passado de sucesso. Com base nisso, o autor introduz a educação cristã da seguinte forma:

1 Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto Federal do Maranhão e Mestrando em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Brasil. Endereço eletrônico: tiago.macedo@ifma.edu.br

2 Doutora em Linguística pela Pós-doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bahia, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). Endereço eletrônico: edvaniagsilva@gmail.com



Sendo assim, atualmente, quando se fala em educação cristã, os nossos fundamentos devem estar alicerçados nos princípios dados por Deus ao povo hebreu e não nos princípios resgatados, por muitos educadores atuais, do pensamento greco-latino, uma vez que as raízes da educação cristã remontam, na verdade, a um tempo anterior aos romanos e gregos (COSTA, 2015, p. 157 e 158).

Assim, o autor busca mostrar que a educação cristã adventista é tributária da educação hebraica dos tempos bíblicos, porque no modelo hebraico podem ser encontrados os “princípios dados por Deus”, segundo a Bíblia; e porque ele precede o pensamento greco-latino, pois segundo Costa (2015), a civilização hebraica surgiu antes destes povos. Mais adiante, o autor explica o modelo educacional hebraico por meio da apresentação de várias categorias que são, ainda segundo ele, componentes básicos de uma filosofia educacional. Dentre tais categorias, destacamos, na análise aqui empreendida, a categoria escola.

Partindo deste posicionamento, buscamos mostrar os efeitos de sentido da categoria escola materializados no artigo deste autor por meio de pré-construídos e discurso transversal, o que revela a presença de uma memória do modelo educacional hebraico segundo o relato bíblico, apresentado por um enunciador adventista.

METODOLOGIA

Neste trabalho, realizamos os seguintes procedimentos: i) leitura e seleção de trechos do artigo, quando são descritos os vários exemplos da categoria escola segundo o modelo educacional hebraico presente na Bíblia; ii) análise e descrição dos dados, segundo o dispositivo teórico-metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD), mostrando os efeitos de memória materializados por meio de pré-construídos e discurso transversal; iii) discussão dos resultados e apresentação de conclusões deste trabalho.

Além disso, recorreremos também a obras bibliográficas, tais como os livros da cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White, direcionados à obra educacional, a Bíblia, o livro *Pedagogia Adventista* (2004), entre outros materiais que tratam do modelo educacional hebraico dos tempos bíblicos, com ênfase na categoria escola. Dessa forma, a pesquisa que deu origem a este trabalho é de caráter exploratório,



bibliográfico e qualitativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise, identificamos, inicialmente, quais são os exemplos de escola que Costa (2015) nos apresenta ao tratar do modelo educacional hebraico bíblico.

Tabela 1: Exemplos de escolas do modelo educacional hebraico bíblico segundo Costa (2015)

MODELO EDUCACIONAL HEBRAICO DOS TEMPOS BÍBLICOS	
Escola	Escola do Éden; escola do lar; escola dos profetas; escola das sinagogas; escola do templo.

Ao tratar da escola do Éden, Costa (2015) recorre a White (2007), a qual afirma que “o jardim do Éden era a sala de aula; a natureza, o compêndio; o próprio Criador, o instrutor; e os pais da família humana, os alunos” (WHITE, 2007, p. 20). Assim, Costa (2015) utiliza um pré-construído segundo o qual existiu um “Jardim do Éden” e, a partir de tal pré-construído, mostra como “deveria ser a escola do homem” (COSTA, 2015, p. 161). Nesse sentido, ainda com base em White, Costa busca articular relações parafrásticas entre natureza e compêndio (material didático), mostrando: a) que o material didático seria uma espécie de metonímia da própria natureza; b) que os seres humanos são os alunos; e c) que Deus é o instrutor ou professor por excelência. Em outras palavras, o enunciador adventista procura aproximar o relato bíblico da criação do mundo dos elementos fundamentais do processo educacional da atualidade.

Em outro momento do texto, ao tratar da escola do lar, Costa (2015) esclarece que, por causa da entrada do pecado no mundo, a responsabilidade da educação passou a ser competência da família por ordem de Deus. Assim, “o povo de Israel foi instruído que, desde muito cedo, os meninos e meninas deveriam aprender, no lar, a Lei de Deus” (COSTA, 2015, p. 161). Aqui, verificamos que o enunciador adventista apresenta um pré-construído segundo o qual o pecado existe e entrou no nosso mundo; e um outro pré-construído segundo o qual Deus existe e se comunica conosco. Esses pré-construídos não foram construídos no/pelo texto de Costa, mas antes e alhures, mais precisamente, foram construídos no/pelo discurso religioso, o qual, como vimos, fundamenta o que Costa (2015) chama de educação adventista. Podemos ainda observar um discurso transversal



apresentado a partir da sequência lógica: o povo de Israel foi instruído a aprender a Lei de Deus; os meninos e meninas eram educados nos lares israelitas, logo, nesses lares, eles deveriam aprender a Lei de Deus.

Em seguida, Costa (2015) trata da escola dos profetas como uma alternativa usada para restaurar a verdade e a fé entre os israelitas. Nesse momento, o autor recorre mais uma vez a White (2007), pois essa autora declara que o objetivo das chamadas “escolas dos profetas” era atuar como uma “barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros” (WHITE, 2007, p. 46). Com base nestes posicionamentos, entendemos que o enunciador adventista recorre a uma memória da “escola dos profetas” para tratar da escola da atualidade. Além disso, Costa busca embasamento em White para enfatizar que a escola dos profetas funcionaria como uma “barreira”, o que indica uma espécie de “proteção”, para os estudantes dessas escolas contra a “corrupção” e o “pecado”, pois futuramente eles assumiriam responsabilidades espirituais (os alunos eram chamados de “filhos dos profetas”), intelectuais, civis e sociais na liderança da nação israelita.

Na segunda parte do texto de Costa (2015), ele trata da escola das sinagogas, onde o ensino era ministrado por sacerdotes e levitas. Segundo o enunciador adventista, esse lugar era reservado ao culto e à educação, logo todas as disciplinas estudadas lá, tais como matemática, astronomia, biologia, geografia, bem como as de ensino religioso (como a Torá, isto é, estudo dos cinco primeiros livros da Bíblia), não eram consideradas como matérias, mas sim áreas de conhecimento que contribuía para a compreensão da revelação divina, conforme observado por Conde (CONDE, 2003 *apud*. COSTA, 2015). Verificamos, aqui, uma relação parafrástica deste modelo escolar da escola da sinagoga com pelo menos dois dos objetivos da Educação Adventista, quais sejam: “promover o reconhecimento de Deus como fonte de toda sabedoria” (CONFEDERAÇÃO, 2004, p. 49), o que indica uma cosmovisão bíblica e teocêntrica; e “reconhecer e aplicar a Bíblia como referencial de conduta” (CONFEDERAÇÃO, 2004, p. 49), o que mostra a Bíblia como fonte primária do conhecimento.

Por fim, Costa trata da educação no templo e mostra que os templos passaram a ser mais uma instituição a ministrar o ensino, devido ao número pequeno de sinagogas em Israel. Nesse momento, Costa (2015) recorre ao texto bíblico do Novo Testamento, e faz menção ao encontro que Jesus teve, no templo, aos 12 anos com os mestres da lei na época da Páscoa (BÍBLIA, Lucas 2, 46). Assim, o enunciador adventista mostra uma relação da escola do templo com a Bíblia e com o próprio Cristo, o que serve para conferir certa



credibilidade a esse modelo escolar.

CONCLUSÕES

As análises mostraram que o autor do texto “Educação hebraica: fundamentos da educação adventista” procura articular a concepção bíblica da categoria escola, em diferentes períodos históricos do povo hebreu, com os textos clássicos de Ellen White sobre educação. Assim, por meio de efeitos de memória, relações de paráfrase, pré-construídos e discursos transversos, o enunciador, que fala do lugar de educador adventista, identifica elementos que podem caracterizar escolas, desde o relato da criação do mundo no jardim do Éden no Antigo Testamento até a época em que o ensino era ministrado no templo, segundo o Novo Testamento.

Ao mesmo tempo, constatamos indícios do funcionamento de uma memória discursiva, pois há um processo de desestruturação/reestruturação entre memória (no caso, a referência aos textos bíblicos e de White) e atualidade (a expansão do sistema educacional adventista brasileiro nos dias atuais), como proposto por Pêcheux (1999), que apresenta esta relação como um jogo de forças ligado à memória.

Palavras-chave: Memória. Análise do Discurso. Educação Hebraica. Educação Adventista.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. N. T. Lucas. In: **Bíblia Sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Trad.: João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CONDE, E. **Tesouro de conhecimentos bíblicos**. Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

CONFEDERAÇÃO das uniões brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: CPB, 2004.



COSTA, David. Educação hebraica: fundamentos da educação adventista. In: SUÁREZ, A. S. (Org.). **Manual do educador**: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

QUADROS, Silvia. Prefácio. In: SUÁREZ, A.S. (Org.). **Manual do educador**: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

WHITE, Ellen. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.